

## **“PENSAVA QUE ELE ERA HOMEM, MAS ERA UMA MULHER IGUAL EU”: IDENTIDADE DE GÊNERO E ESTILO NA SOCIOLINGUÍSTICA**

**Diogo Oliveira do Espírito Santo**

Mestre em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil.

Doutorando em Linguística Aplicada pela mesma universidade.

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre as bases teóricas das pesquisas sociolinguísticas quanto à interação entre língua e sexo/gênero, por meio da análise de uma entrevista disponibilizada na plataforma *Youtube*, com três sujeitos homossexuais da cidade de Teresina-PI. Embasado nos pressupostos da terceira onda da Sociolinguística, na noção de estilo/estilização como prática social e no entendimento de gênero como performance, este artigo busca não só discutir como as pesquisas na área tem tratado a variável sexo/gênero, como também enfatizar a necessidade de os estudos levarem em consideração os cenários diversos em que as identidades são construídas na contemporaneidade. A análise será orientada pela investigação de como o emprego estratégico da estilização impõe desafios quanto ao tratamento da noção de identidade de gênero e pela tentativa de se compreender a variação linguística como parte de um processo de construção de significados sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Identidade. Estilo.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to reflect upon the theoretical bases of sociolinguistic research on the interaction of language and sex/gender, through the analysis of an interview broadcasted on the *Youtube* platform with three homosexual subjects from the city of Teresina-PI. Based on the findings of the third wave of sociolinguistic studies, on the notion of style/stylization as social practice, and on the understanding of gender as performative, this article aims not only to discuss how researchers in the area have dealt with the sex/gender variable, but also to emphasize the importance of taking into account the diverse scenarios in which the identities are constructed in the contemporary world. The analysis will be guided both by the investigation of how the strategic use of stylization imposes some challenges on the treatment of the notion of gender identity, and by the attempt to understand linguistic variation as a process of social meaning construction.

**KEYWORDS:** Gender. Identity. Style.

### **CONTEXTUALIZANDO A DISCUSSÃO: A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO, SEXO E LINGUAGEM NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS**

As discussões sobre sexualidade, identidade de gênero e suas relações com as práticas sociais dos sujeitos têm passado por mudanças significativas nos últimos anos. Motivados,

principalmente, pela virada pós-moderna nos estudos da linguagem (CAMERON, 2005), esses debates têm sido deslocados de perspectivas que tratam as noções de sexo e gênero de forma essencialista e biológica, para interpretações que se embasam no entendimento de que esses elementos são construídos socialmente. Na Sociolinguística, importante área interdisciplinar que estuda a relação entre língua e sociedade, a investigação sobre a correlação entre sexo e gênero e mudança linguística, que se iniciou com os estudos variacionistas labovianos, estava assentada na concepção de gênero como sinônimo de sexo biológico. Mais contemporaneamente, entretanto, pesquisas sobre variação linguística desenvolvidas na terceira onda da Sociolinguística (ECKERT, 2012) já apontam para o caráter sócio-histórico da construção da ideia de gênero e discutem seus impactos nas práticas de linguagem dos sujeitos.

As mudanças de postura quanto ao tratamento da “variável” sexo/gênero têm produzido importantes reflexões sobre a concepção de variação como uma forma de significação social (ECKERT, 2000) e sobre o lugar das discussões sobre os processos de construção de identidades nos estudos sobre prática estilística. Dessa forma, embasado nos pressupostos teóricos da terceira onda dos estudos sociolinguísticos e na noção de estilo como prática social (ECKERT; RICKFORD 2001; COUPLAND, 2007), discutirei não só a concepção de sexo e gênero nas pesquisas sociolinguísticas, como também defenderei a ideia de que o uso da língua não reflete apenas distinções sociais, mas sim constrói/projeta diferenças identitárias dentro de um contexto específico. Para isso, analisarei uma entrevista, disponibilizada pelo canal “Bob Nunes” na plataforma *Youtube*, com três sujeitos homossexuais<sup>1</sup> e um heterossexual da cidade de Teresina-PI. Essa análise será orientada pela investigação de como o emprego estratégico da estilização

---

<sup>1</sup> Desenvolvo minha reflexão embasado no entendimento de gênero como uma construção social, por isso acredito que homens que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres, e vice-versa, não são necessariamente heterossexuais, bem como homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, ou ainda mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres, não são necessariamente homossexuais. Apesar de ainda utilizar termos como homossexuais, gays, heterossexuais etc., peço que eles não sejam pensados de maneira estanque e inflexível. Não os abandonei, entretanto, uma vez que sem essas nomenclaturas, as experiências que os sujeitos desta pesquisa desenvolveram, não poderiam sequer serem pensadas e problematizadas (NEIVA, 2014). Assim, mesmo estando consciente da limitação que os termos apresentam, optarei pelo uso da palavra “homossexual” para fazer referência ao desejo sexual e afetivo de sujeitos do “mesmo sexo” e me concentrarei no estudo de práticas de linguagem de sujeitos conhecidos como homossexuais masculinos. Ainda, como pontuado por Carvalho (2017), optarei pelo uso da palavra “gay” como um conceito que tem relação com o universo cultural que circunda, mas que não se restringe aos indivíduos homossexuais.

impõe desafios quanto ao tratamento da noção de identidade de gênero, de sujeitos gays e hétero/homossexuais nos estudos sobre a língua e seus usos sociais.

## **IDENTIDADE(S) DE GÊNERO(S) E OS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS**

Ao rediscutir a variável sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos brasileiros, Freitag (2015) retoma a discussão de que, inicialmente, a ideia defendida era de que as mulheres tendiam a liderar processos de mudança linguística que envolviam variantes prestigiadas e assumiam uma postura conservadora quando as variantes eram socialmente desprestigiadas. Ao longo de sua discussão, a autora deixa claro que por detrás da covariação entre sexo/gênero estava, implicitamente, a ideia de que havia algo errado na fala feminina e que, se as mulheres quisessem ser levadas a sério, precisariam aprender a falar como os homens. Essa concepção de sexo/gênero acentuava a premissa de que homens e mulheres pertenciam a subculturas distintas, ou seja, enfatizava a noção de que as mulheres tinham uma voz diferente, uma psicologia diferente e uma experiência de amor, família e trabalho diferente da dos homens (LAKOFF, 1975). Para Freitag (2015, p. 24), “[...] Nessa perspectiva, a fala feminina deve[ria] ser analisada não sob o prisma da opressão ou do não empoderamento, mas da força das estratégias linguísticas características das mulheres”.

Cameron

(2005) insere essa forma de interpretar a relação entre sexo/gênero e variação linguística no que chama de paradigma da diferença, o qual analisa as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, considerando-os como grupos estáticos e internamente homogêneos. Nesse contexto, “gênero” seria algo que as pessoas tinham e seria adquirido nos estágios iniciais de socialização cultural. Entretanto, a autora ressalta que a partir das contribuições dos estudos pós-modernos e pós-estruturalistas, a percepção das diferenças linguísticas entre homens e mulheres passa a acomodar discussões sobre a diversidade de gênero. Assim, ao invés de se buscar variedades linguísticas que distinguiam os homens das mulheres e vice e versa, pesquisadores passam a assumir que não há algo como “homem” e “mulher”, pois para Cameron (2005, p. 487, tradução minha), “Masculinidades e feminidades são expressas de formas variadas, moldando e sendo moldadas pelas outras dimensões da identidade social de uma pessoa – sua idade, etnicidade, classe, profissão etc.”<sup>2</sup>. Essa noção se alinha à investigação que considera que as identidades

---

<sup>2</sup> Masculinities and femininities come in multiple varieties, inflecting and inflected by all the other dimensions of someone’s social identity – their age, ethnicity, class, occupation and so on.

sociais não são fixas e estáveis, mas construídas em contextos específicos através das práticas de linguagem dos sujeitos. Portanto, “gênero” passa a ser entendido como um ato performativo (BUTLER, 1990).

Ao afirmar que a identidade de gênero é performada nas relações sociais, Butler (1990), assim como estudiosos que embasam seus trabalhos em uma perspectiva pós-estruturalista, afastam-se de proposições essencialistas e enrijecidas sobre os gêneros e passam a se dirigir a um processo de construção identitária, isto é, à noção de gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. Para Louro (1997), o conceito de identidade que está por trás dessa interpretação se alinha aos pressupostos dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, para os quais os sujeitos são atravessados por identidades múltiplas e que se transformam a todo instante. Logo, ao afirmar que o gênero constitui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo), a autora refere-se a algo que transcende o mero desempenho de papéis, já que a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito (LOURO, 1997).

Louro ainda pontua que as identidades sexuais estão intimamente relacionadas com as identidades de gênero. Ela observa que, apesar de as identidades sexuais se constituírem através das formas que os sujeitos vivem sua sexualidade (com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as), esses também se identificam, social e historicamente, como masculinos, femininos e outros, e assim constroem suas identidades de gênero. A autora esclarece, portanto, que apesar das distinções, o importante é compreender que “[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (LOURO, 1997, p. 27).

Ainda sobre essa distinção, Carvalho (2017), embasado nos estudos de Eckert e McConnell-Gilnet (2003), discute que as categorias de sexo e gênero não podem ser consideradas sinônimas, já que a segunda seria a elaboração social da primeira. Ao coadunar com as palavras das autoras, Carvalho (2017, p. 36) afirma que

[...] a dicotomia menina-menino é a primeira a partir da qual a nossa identidade é formada. Meninas e meninos aprendem a ser femininas ou masculinos através das práticas sociais que existem nas diversas comunidades às quais eles pertencem. Assim, tem-se que: (i) meninas e meninos são tratados diferentemente por seus pais em relação ao padrão linguístico que esses utilizam, à maneira pela qual eles brincam com seus filhos ou aos brinquedos que eles escolhem para suas filhas e filhos; (ii) as meninas e os meninos se envolvem com os mesmos grupos sexuais durante grande parte da infância, o que significa que meninas e meninos são socializados em diferentes culturas de gênero – isto, por sua vez, influencia o comportamento verbal que elas/eles desenvolvem [...].

Com isso, qualquer característica de um determinado gênero que não corresponda ao padrão pré-estabelecido será marginalizada e alvo de preconceitos, como é o caso dos homossexuais, travestis e transexuais.

Tanto Cameron (2005) quanto Freitag (2015) ressaltam a necessidade de uma política de investigação sobre a variação linguística que se adeque à realidade das relações que os sujeitos desenvolvem uns com os outros através do discurso. Assim, se torna essencial analisar as diversas maneiras em que as identidades de gênero são construídas através do emprego de diferentes recursos linguísticos, desde a pronúncia de uma sílaba específica até a seleção de variantes que melhor respondem aos objetivos comunicativos dos sujeitos. Nesse sentido, os estudos sobre variação estilística desenvolvidos nos trabalhos da terceira onda da Sociolinguística se configuram como alternativas possíveis na investigação sobre o uso linguístico e seu significado social.

## **ESTILO E COMUNIDADES DE PRÁTICA: O QUE ELES TÊM A VER COM IDENTIDADE DE GÊNERO?**

O estilo, um dos elementos centrais no estudo da variação linguística desde a constituição do campo da Sociolinguística por Labov (1972), ainda constitui problema teórico profícuo. Dentro do paradigma variacionista laboviano, o fenômeno da variação linguística é, comumente, caracterizado a partir de dois componentes principais: (i) componentes sociais dos falantes, sua classe social, gênero, grau de escolaridade (fatores interfalantes) e (ii) fatores de natureza individual (intrafalantes), que constituem o cerne dos componentes estilísticos. Segundo Moore (2004), enquanto que o primeiro componente estuda a correlação entre variantes linguísticas e fatores sociais como idade, sexo, classe social e raça, o último se dedica ao estudo da mudança no uso da língua por um sujeito ou um grupo de falantes que transcende categorias sociais aprioristicamente definidas.

Tradicionalmente, o estilo tem sido analisado dentro de um modelo que analisa o monitoramento da fala pelos sujeitos. Dentro dessa perspectiva, há também dois princípios básicos: primeiro, os sujeitos alteram seus discursos de acordo com a atenção que dão à fala; e segundo, a atenção que eles prestam à fala é determinada pelo seu grau de formalidade. Em trabalhos mais recentes, entretanto, tem-se argumentado que o lugar do estilo nos estudos

sociolinguísticos vai além da influência de um ambiente mais ou menos formal, pois corresponderia a um processo de diferenciação social. Autores como Eckert (2000); Eckert e Rickford (2001); Moore (2004) e Coupland (2007) afirmam que para entendermos o significado sociolinguístico das variantes, precisamos começar a focar no processo simbiótico que permite que esses elementos ganhem sentido. Isso porque a língua usada pelos sujeitos nunca é determinada por um único fator (questão de maior ou menor formalidade), mas é também consequência da tentativa de construírem identidades apropriadas ao contexto de uma dada interação.

Para Irvine e Gal (2000), os estilos têm a ver com o modo pelo qual os falantes negociam suas posições e seus objetivos dentro de um sistema de possibilidades no espaço social. Para Coupland (2007), a estilização é um fenômeno que deve ser observado de uma forma mais restrita, em contextos comunicativos específicos e em níveis semióticos e linguísticos determinados, nos quais os efeitos da estilização são criados e experienciados localmente. Assim, para o autor, uma observação do fenômeno da estilização sob uma perspectiva que se volte para contextos e efeitos locais é mais reveladora justamente porque opera sobre um modo específico de ação social, a saber, a performance, já que a variação estilística é vista como uma apresentação dinâmica do “eu”.

Coupland (2007) compreende o estilo enquanto modos de falar e maneiras como os falantes empregam os recursos de variação linguística para produzir sentidos nos encontros sociais. O autor defende ainda que essa forma de ver o estilo nos ajuda a compreender como os falantes criam diferentes relações sociais por meio de suas escolhas estilísticas e ainda nos ajuda a compreender como estilos e contextos sociais se inter-relacionam. Assim, o estilo se refere à gama de ações estratégicas e de performances através das quais os sujeitos constroem a si mesmos e a suas vidas sociais (COUPLAND, 2007).

Para esses pesquisadores, o que importa não é se um sujeito seleciona uma variante particular em um contexto pré-determinado, mas sim como ele constrói sentido sociolinguístico, através da manipulação de um repertório social e linguístico disponível em uma determinada comunidade. Esse entendimento de construção local de significado social se ancora nas discussões sobre comunidade de prática (ECKERT; MCCONELL-GINET, 1992), que diferentemente da ideia de comunidade de fala, enfatizam o caráter sempre contextual das práticas de linguagem através das quais um grupo de sujeitos desenvolvem algum tipo de atividade.

O termo “comunidade de prática” foi usado inicialmente por Lave e Wenger (1991) e, mais tarde, Eckert e McConnell-Ginet (1992) o definiu como um agregado de pessoas que se juntam em torno de um empreendimento comum. Assim, o termo caracteriza indivíduos de acordo com a atividade empreendida em um meio social e não de acordo com o pertencimento a uma estrutura social descontextualizada. Além disso, as práticas desenvolvidas na medida em que os sujeitos interagem uns com os outros se tornam significativas porque elas servem para identificá-los e contrastá-los com outros sujeitos que se reúnem para desenvolver práticas sociais relativamente diferentes.

Em estudo desenvolvido sobre a fala de adolescentes em duas comunidades de prática distintas em uma escola da Inglaterra, Moore (2004) analisou como a negociação de significado estilístico se configura como um processo de diferenciação social. Moore observou que uma das comunidades de prática estudada, as “locais”, ao usar a forma não-padrão do verbo *to be* no passado (*I were drunk*) buscava uma forma de se distanciar das práticas sociais do grupo das “populares”. A autora concluiu que através do uso dessa forma não-padrão, as “locais” buscavam construir identidades que as relacionassem com práticas rebeldes e de contestação institucional, enquanto que as “populares”, ao adotarem um repertório linguístico diferenciado, buscavam variantes que pudessem marcar uma identidade específica e também que as afastassem das práticas desenvolvidas pelas “locais”. Com isso, Moore enfatizou a noção de que os falantes não selecionam variantes em relação à uma distinção taxonômica abstrata, mas sim em relação ao processo de diferenciação estilística que ocorre na comunidade de prática na qual eles interagem como seres sociais.

Cameron (2005) pontua que, apesar de adeptos da noção de comunidade de prática não trabalharem, necessariamente, com o conceito de gênero como performance, eles também consideram que essa identidade é um elemento que emerge da prática e do que as pessoas “fazem” ao invés do que elas “são”. Segundo a autora,

[...] A relação entre língua e gênero é tratada levando em consideração as práticas locais das quais mulheres e homens participam e nos termos sob os quais eles participam. Se mulheres e homens normalmente participam de uma variedade de comunidades de práticas, ou participam das mesmas comunidades, mas em termos diferentes, suas formas de usar a linguagem estarão relacionadas com as diferentes coisas que eles estão fazendo, e para esse fim o uso da linguagem será diferente [...]<sup>3</sup> (CAMERON, 2005, p. 489, tradução minha).

---

<sup>3</sup> The relationship of language to gender is conceived in terms of the local practices women and men participate in and the terms on which they participate. If women and men in a given community typically participate in a different range of CoPs, or participate in the same ones on different terms, their ways of using language will be related to the different things they are doing, and do that extent will tend to differ.

Dessa forma, é possível perceber que as possibilidades linguísticas disponíveis tanto para os homens como para as mulheres são sempre locais e dependentes dos seus contextos comunicativos.

Essa maneira de observar o estilo dentro de comunidades de práticas específicas marca um distanciamento de abordagens mais tradicionais dos estudos sociolinguísticos e se encaminha em direção à compreensão da variação enquanto uma prática social (ECKERT, 2000), segundo a qual a construção de uma identidade, neste caso específico a de gênero, depende de uma agentividade linguística que é atravessada pela forma como os sujeitos conduzem os estilos (VELOSO, 2014). Portanto, considero essa perspectiva a mais adequada para a discussão aqui apresentada, uma vez que advoga que a identidade de gênero precisa ser investigada “[...] a partir de falas que evidenciem sua formação, suas nuances e seu aprendizado em comunidades de prática” (VELOSO, 2014, p. 1746), enfatizando, assim, que ela deve ser concebida como algo que se origina nas interações.

Para exemplificar os construtos teóricos apresentados até então, discutirei como as noções de gênero e sexualidade são co-construídos em uma entrevista que envolve três sujeitos homossexuais e um sujeito heterossexual da cidade de Teresina-PI. Meu interesse é o de analisar como a linguagem desses sujeitos é influenciada pelos estilos adotados e interfere na constituição das identidades que são projetadas. Os dados aqui apresentados são transcrições de trechos dessa entrevista, através da qual eu pude observar como as identidades dos participantes são construídas de modo a serem associadas às noções de “gay”, “bicha”, “viada”, “homem”, “mulher” etc. Como a entrevista está disponibilizada em uma plataforma de vídeo, os participantes dispõem não só de recursos linguísticos (tais como o léxico e aspectos gramaticais), como também sonoros e imagéticos para a projeção dessas identidades, o que torna esses elementos importantes para a análise que proponho neste estudo.

Não defini nenhum fenômeno linguístico *a priori*, já que meu foco é problematizar o lugar da variação na construção social das identidades em jogo. Dessa forma, a análise será de base qualitativa e priorizará a discussão sobre os processos de construção identitária que se opera através do manejo de diferentes estilos e pretende explicitar como determinadas características atribuídas às identidades de gênero e sexualidade são enfatizadas por determinadas variáveis linguísticas e ao mesmo tempo ressignificam o valor social atribuído a elas.



## “VIADOS DEPRAVAÇÃO” E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COMO PRÁTICA SOCIAL: UMA BREVE ANÁLISE

Os trechos que serão analisados a seguir fazem parte de uma entrevista dividida em duas partes e disponibilizada pelo canal “Bob Nunes”, que conta com mais de 100 mil inscritos na plataforma de *streaming* de vídeos, *Youtube*. Os vídeos<sup>4</sup> intitulados “Bob Entrevista: Viados depravação parte 1 e 2” foram disponibilizados em 2014 e juntos somam mais de 1 milhão de visualizações até o momento. Eles têm aproximadamente 20 minutos e trazem uma entrevista com três sujeitos homossexuais da cidade de Teresina-PI que ficaram famosos por protagonizarem situações polêmicas em vídeos compartilhados no *Facebook* e no próprio *Youtube*. Nessa entrevista, realizada em um espaço público da cidade de Teresina, os sujeitos são questionados sobre diversos temas que envolvem sexualidade e preconceito. As entrevistadas<sup>5</sup> são três adolescentes homossexuais do sexo masculino, mas que se identificam com nomes femininos ou que se aproximam do que conhecemos como nomes femininos (Josy, Tiaga e Domdom). Além de se identificarem com esses nomes, o que já demarca uma posição identitária específica, as participantes projetam atitudes e comportamentos que seriam consideradas “femininas” ou de sujeitos “afeminados”, tais como passar as mãos pelos cabelos enquanto falam, sentar de pernas cruzadas, e lançar mão de muitas caras e bocas e de usos da linguagem dos “gays” ou “bichês” (LAU, 2017) como forma de acentuar determinadas identidades sociais. O fato de estarem sendo filmadas e entrevistadas por um canal de uma plataforma mundialmente famosa contribuiu para que as participantes exagerassem na performance de suas identidades e também se configura como uma maneira de elas poderem discutir questões consideradas tabus em grande parte das sociedades.

Os trechos selecionados da entrevista correspondem a dois pontos teóricos anteriormente discutidos: a negociação/construção da noção de gênero e sexualidade e a filiação a comunidades de prática específicas. Como os limites entre esses dois temas não são tão claros, durante a discussão dos dados não será feita nenhuma divisão que isole um elemento do outro, portanto, a análise dos

---

<sup>4</sup> Disponíveis em: <[https://www.youtube.com/watch?v=GNh\\_b24MC50&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=GNh_b24MC50&t=1s)>. Acesso em: 22 mai. 2018 e <<https://www.youtube.com/watch?v=ShUvg8NzLpU>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

<sup>5</sup> Como as entrevistadas, em grande parte da entrevista, usam o gênero gramatical feminino para falarem de si e se referirem umas às outras, optei pelo uso desses pronomes na escrita desta seção do artigo.

trechos contemplará esse debate de forma holística. Embora haja um levantamento de algumas formas linguísticas usadas pelos sujeitos, não pretendo elaborar uma análise quantitativa exaustiva, pois, como já pontuado anteriormente, busco discutir os propósitos que estão relacionados à variação estilística e ao modo como esses sujeitos manuseiam os diferentes recursos linguístico-semióticos que estão a sua disposição para construir significado social.

## **A NEGOCIAÇÃO/CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE: A PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS EM DIFERENTES COMUNIDADES DE PRÁTICA**

O trecho<sup>6</sup> a seguir foi extraído dos minutos iniciais da entrevista e traz o entrevistador, Bob, indagando se as participantes seguiam alguma filosofia de vida ou tinham algum ditado que melhor caracterizaria suas práticas sexuais. A participante, Josy, ao tentar responder à pergunta, inicia um novo tópico na conversa, em que ela passa a relembrar o dia em que conheceu uma de suas amigas, Tiaga. Josy, através de diferentes recursos linguísticos, emprega variadas expressões para caracterizar sua identidade e a de sua amiga:

*BOB: tem algum ditado também, Josy?*

*JOSY: ahh, e::u sempre:: tenho VÁrios. era::: o mais falado assim que eu comecei essa carreira de **depravada**. porque (+) eu comecei a minha carreira de **depravada** sozinha. ai::: eu conheci o Thiago porque **ele** tinha me adicionado no Face ((Facebook)) ai:: até pensava que o Thiago era **homem**. até coloquei no::*

*BOB:*

*[ (inaudível ) JOSY: lá no mural dele “seja bem-vindo, GATO” pensando que ele era **homem**, mas, na verdade, era uma: **mulher** igual eu. ai a gente se encontrou. ai quem arrastou ela pros mundos da depravação, esse mundo assim /.../ de escândalo, fui eu que arrastei ela.*

É possível notar que em sua tentativa de

---

<sup>6</sup> A transcrição da entrevista foi realizada com base no modelo desenvolvido por Marcuschi (1986). Dessa forma: [[ - Falas simultâneas; [ - Sobreposição de vozes; [ ] – Sobreposições Localizadas; (+) - Pausas e silêncios; ( ) - Dúvidas ou sobreposições; MAIÚSCULA - Ênfase ou acento forte; :: - Alongamento de vogal; (( )) - Comentários do analista; /.../ - Indicação de transição parcial ou de eliminação.

projetar uma identidade específica, Josy faz uso da palavra “depravada” que, comumente, é empregada de forma pejorativa. Entretanto, se faz necessário pontuar que o emprego dessa palavra se afasta da sua definição tradicional e passa a caracterizar a identidade de um sujeito gay. Outro ponto importante nesse trecho é como Josy manipula o recurso linguístico (estilo) da concordância de gênero para construir noções de identidade muito específicas. Por exemplo, ao falar de si, Josy se refere como um sujeito gay depravado sempre no feminino, entretanto, ao falar de Tiaga, ela varia entre o uso da concordância de gênero gramatical masculino e feminino.

O ponto central dessa discussão reside no fato de que Josy atribui à Tiaga possíveis características de uma identidade de gênero masculino quando não a conhecia e não tinha certeza de sua orientação sexual. Em “conheci o Tiago porque ele tinha me adicionado”, Josy sugere que a falta de uma definição de identidade colocaria Tiaga na categoria de gênero masculino, já que ela “pensava que Tiago era **homem**”. Esse fato teria motivado Josy a postar no mural de Tiaga “seja bem-vindo, gato”. Porém, ao conhecê-la melhor, Josy percebe que Tiaga era, na verdade, “mulher” igual a ela, e a partir dessa constatação, passa a usar a concordância de gênero gramatical feminino para se referir à amiga, quando diz “ai quem arrastou ela pros mundos da depravação, esse mundo assim de escândalo, fui eu que arrastou ela”.

Para Cameron (2005) o significado sociolinguístico deixado por cenários dessa natureza é de que a estreita relação entre gênero e identidade sexual influencia a performance linguística de ambos os elementos. Segundo a autora,

[...] Um exemplo óbvio, onde a homossexualidade está fortemente associada à mudança de gênero, é o de que membros de um grupo podem explorar a concordância de gênero gramatical não-padrão para projetar identidade sexual (exemplo: homens podem usar pronomes de gênero feminino, adjetivos e artigos para fazer referência a si mesmos e a outros) [...] <sup>7</sup> (CAMERON, 2005, p. 494, tradução minha).

Desse modo, os estilos de fala, como discutido por Eckert (2005), deixam de ser tratados como simples ajustes que os sujeitos fazem de determinadas variáveis em dadas situações e passam a ser entendidos enquanto combinações estratégicas que eles lançam mão para a criação de identidades sociais distintas. Assim, ao transitar entre a concordância de gênero gramatical masculino e/ou feminino e ao fazer determinadas escolhas lexicais, Josy nos leva a entender

---

<sup>7</sup> To take a fairly obvious example, where homosexuality is strongly associated with gender-crossing, group members may exploit non-standard grammatical gender-making to display their sexual identities (eg. males may use feminine-gendered pronouns, adjectives, and articles in reference to themselves and one another).

que a variação linguística deve ser compreendida como parte de um processo de construção de identidades e de significados sociais.

Em outro trecho, é possível observar como a escolha lexical é um importante elemento para a construção da noção de identidade de gênero. Nesta passagem, Bob questiona se alguma das participantes já haviam se relacionado sexualmente entre elas e negocia conjuntamente a ideia do que é ser “mulher”, “travesti” e “bicha”:

*BOB: eu quero saber uma coisa, pra finalizar mesmo, uma coisa séria. Tiaga já ficou com Josy? Ou Josy já ficou com Tiago. o que foi que aconteceu? Já?*

*JOSY: NUNCA (+) [ nu*

*BOB: vocês são amigas mesmo de lacrar não de::*

*JOSY: só de lacrar mesmo. até porque **duas bicha** dá choque. não dá certo porque: (+) ela é passiva e eu também sou e: não dá certo. a gente só é amigas mesmo.*

...  
*BOB: [ (nunca rolou nada)*

*TIAGA: não, porque nós somos **duas passivas quase travestis** (+) totalmente (+) e não dá certo **duas mulheres** [ ficando*

*BOB: mas vocês já usaram a Domdom (+) ou não?*

*TIAGA: não. a Domdom é **mais mulher que a gente**. ela é **traves/** a Domdom já é **uma travesti**. só falta ela colocar **os peitos** (+) ir pra São Paulo terminar de botar os [ peitos*

*BOB: mas como assim? você tá admitindo que ela é mais (+) **mais viada** do que você?*

*não:: digo assim que ela é mais: [ mais:*

*é mais? agora pral/ quem é a mais mais?*

*mulher?*

*TIAGA:*

*BOB: quem*

*DOMDOM:*

O uso das palavras “bicha”, “passiva”, “travesti” e “viada” demonstra as mais variadas possibilidades de se construir a concepção de “mulher” nessa interação local e que se distancia dos discursos mais “tradicionais” sobre essa identidade de gênero. É importante mencionar que ao responder negativamente à pergunta do entrevistador, é possível apontar que Josy também reforça uma ideia heteronormativa, binária e estereotipada sobre sujeitos que desempenham papel de passivos nas relações sexuais. Ao justificar o fato de nunca terem se relacionado porque ela e Tiaga são “passivas”, Josy reproduz o discurso sobre a relação que se faz entre ser passivo e ser mulher. Sobre isso, Almeida (2011, p. 9) discute que

O termo ‘passivo’ remete à figura do homossexual com a ‘visibilidade do estigma’, ou seja, daquele que apresenta atitudes que identificam sua preferência sexual. [...] [O] homossexual ativo tende a ganhar *status* de mais macho, chegando ao ponto de,

em raras exceções, os machos que ‘comem bichas’ não serem classificados de maneira diferente dos ‘homens verdadeiros’ devido ao seu desempenho do papel ativo. Inclusive, muitos homens que têm relações homossexuais não se consideram homossexuais, desde que não pratiquem o sexo anal ou que exerçam o papel ‘ativo’ na relação sexual [...].

Assim, o uso das formas “depravada”, “bicha”, “passiva” e “viada” indica um conflito social ao qual estão submetidos os sujeitos homossexuais, o que demanda deles a contínua construção de uma identidade local linguisticamente marcada e politicamente engajada. Essa busca de afirmação de uma identidade social local pode ser percebida pela insistente projeção de práticas que, normalmente, são rechaçadas por outras comunidades de prática gay, uma vez que adotar uma linguagem “feminina” e ser “passiva”, aquela que durante o ato sexual é penetrada, é entendido como a representação da “mulher” em uma relação heterossexual, reforçando, assim, os binarismos (a divisão de gêneros em masculino e feminino) e a relação de poder que, tradicionalmente, caracterizam essas relações.

Ao estudar a fala de homossexuais masculinos na cidade de Salvador-BA, Carvalho (2017) observou que o emprego de expressões como “bicha” e “viado”, que tradicionalmente são usadas de forma depreciativa, tem começado a subverter a referência binária de identidade de gênero. Para o autor, essa seleção lexical, por exemplo, seria uma maneira consciente de esses sujeitos indexalizarem, às suas falas, o pertencimento à distintas comunidades de prática gay. Assim, ao empregar alguma dessas palavras, Josy e suas amigas, não só ressignificam a noção tradicional que se tem dos lexemas, como também se inserem em uma comunidade de prática que busca se diferenciar de outras comunidades gays que estariam embasadas em discursos heteronormativos e binários.

Outro ponto que merece destaque nesse trecho é o de como a noção de identidade de gênero por parte dos participantes da interação não é muito clara, mas está sempre aberta a negociação. Ao falarem sobre a identidade de Domdom, Josy e Tiaga atribuem determinadas características com o intuito de a colocarem em uma posição distinta dentro dessa comunidade de prática. Em “ela já é uma travesti”, Tiaga define Domdom como sendo mais mulher que as demais, diferenciando a amiga de si mesma e de Josy, que foram caracterizadas anteriormente como “quase travestis”. Aqui, ser “mulher” e “travesti” equivaleriam ao mesmo campo semântico e são termos usados para diferenciar os sujeitos que fariam parte de um mesmo grupo social.

Em contrapartida, Bob não compreende o ponto a que Tiaga e Josy querem chegar e questiona “Você tá admitindo que ela

é mais **mais viada** do que você?”. O questionamento do entrevistador pode refletir a sua necessidade de entender como as categorias de sexo e de identidade de gênero estão sendo construídas. Ao fazer essa pergunta, Bob abre espaço para um processo de negociação sobre a noção de gênero que está sendo construída naquele momento para, então, poder tirar suas conclusões. Ao perceber que as entrevistadas não apresentaram nenhuma definição clara do que ele buscava, o entrevistador complementa a sua pergunta com “quem é a mais”? E é questionado pela Domdom se o que ele quer saber é quem se encaixaria dentro da noção do que é ser “mulher”. A interação termina sem nenhuma definição definitiva das noções das identidades que estão em jogo, o que demonstra que uma das mais importantes contribuições sobre o entendimento de gênero e sexo como performance é o de justamente não atribuir a essas identidades nenhum caráter fixo e essencialista, visto que os processos pelos quais elas são construídas ocorrem no interior da linguagem (BUTLER, 2011).

Outro aspecto importante observado na entrevista é o de como os sujeitos se filiam a comunidades de prática específicas como um processo de diferenciação identitária. No trecho a seguir, Bob pergunta às entrevistadas se alguma delas já tinha sofrido preconceito por causa de suas identidades/orientações sexuais. Ao formular a pergunta, Bob sente a necessidade de se distanciar não só dos sujeitos que têm preconceitos contra homossexuais, mas também das próprias entrevistadas, quando marca, explicitamente, a sua posição social e orientação sexual.

*BOB: bom, mas e preconceito. cês (+) não não também não. o recado pro preconceito porque eu to aqui também **EU eu** particularmente eu gosto de mulher só **de mulher**, mas eu não tenho preconceito. **EU**, meu amigo Roni também não, a galera que faz humor com a gente também não. mas e aí a galera que tem preconceito com vocês qual o recado também que cês deixam?*

O uso enfático do “eu” demonstra a preocupação do entrevistador de marcar sua posição social/sexual frente às entrevistadas. Seu objetivo, antes de se colocar como um sujeito sem preconceitos, é o de ser identificado como um homem heterossexual que se interessa somente por mulheres quando afirma “eu gosto de mulher só de mulher”. Com isso, é possível inferir que Bob procura se filiar a uma comunidade de prática distinta, como forma de se distanciar daquelas às quais as entrevistadas fariam parte. Essa “preocupação” perpassa o entendimento de que para um homem heterossexual não ser confundido com um homossexual, ele precisaria

reforçar o discurso sobre suas práticas heterossexuais, caso contrário, sua masculinidade seria colocada em xeque e ele poderia ser descriminalizado da mesma forma que os homossexuais o são. Porém, mesmo marcando suas diferenças quanto a sua sexualidade, isso não impossibilita Bob de querer soar não preconceituoso. O entrevistador também se preocupa em deixar claro que outras pessoas, assim como ele, também não têm preconceitos contra homossexuais. Nesse sentido, Bob fala por si e pelos outros, no intuito de mostrar empatia quanto às práticas e identidades das entrevistadas, mas sem deixar a entender que ele estabelece relações homossexuais.

O que a análise dos dados aponta é que as variáveis discutidas só ganham significado social quando investigadas como sendo partes integrantes de um processo de variação estilística. Dessa forma, o uso do gênero gramatical feminino por sujeitos socialmente construídos como homens para se referirem a si mesmos e a outros tem relação com a tentativa de eles projetarem aspectos identitários que os fariam ser identificados como pertencentes a comunidades de prática distintas. Além disso, a escolha lexical e a flexibilidade/mutabilidade nas noções de gênero e sexualidade podem estar associadas à um ato político de empoderamento de identidades sexuais que foram/são historicamente marginalizadas. Portanto, se buscamos definir variáveis linguísticas em nossos estudos, que façamos com o objetivo de discutir como elas são combinadas como uma forma de diferenciação e prática social.

## **PALAVRAS (IN)CONCLUSIVAS**

Este artigo buscou explicitar como determinadas qualidades atribuídas às identidades dos “viados depravação” são reforçadas por certas variáveis linguísticas. Foi possível perceber através da análise dos trechos selecionados, que o uso estratégico da estilização – tanto das interações entre entrevistadas e entrevistador, quanto do estilo de fala atribuído a essas identidades – revela um conjunto de valores sociais e ideológicos associado não apenas às variáveis atribuídas na entrevista à noção de mulher, homem, travesti, mas sim à própria identidade do “viado depravação” que é projetada de forma cômica, engajada, e, às vezes, estereotipada. Dessa forma, as performances dos sujeitos identificados como “viados depravação” são guiadas por atitudes, comportamentos e linguagem que conferem distintas performatividades que rompem com o que é padronizado e aceito socialmente.

A articulação aqui proposta encaminha-se na direção que concebe a variação linguística como parte de um processo de construção de identidade e de significados sociais, e, por isso, defendi que o emprego de determinadas formas linguísticas revela uma consistência de usos que estão diretamente relacionados com a situação e com os traços identitários que os sujeitos querem projetar por meio de suas práticas sociais. Entretanto, como este artigo focou em aspectos específicos da variação estilística e da discussão sobre identidade de gênero, inevitavelmente, outros elementos ficaram de fora da análise. Portanto, considero de extrema importância que pesquisas futuras na área possam desenvolver estudos mais detalhados sobre a relação sexo/gênero e poder em discursos de sujeitos homossexuais e que possam incluir a perspectiva dos próprios participantes sobre as suas práticas de linguagem.

Por fim, ressalto a necessidade de os estudos em Sociolinguística correlacionarem a análise dos fenômenos linguísticos aos processos que identificam e constroem os sujeitos de acordo com as identidades sociais que eles performam e enfatizo a importância de essa performance ser entendida como um processo que é influenciado tanto pelas atividades linguísticas quanto pelos propósitos comunicativos que os sujeitos traçam para si e para os outros em situações específicas de interação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. M. V. de. “Sou gay, porém totalmente discreto” – os estereótipos e a criação do *ethos* em um *site* de relacionamento gay. **ReVeLe**, n. 3, Belo Horizonte, p. 1-23, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. Atos Performativos e Constituição de Gênero – um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. (Org.). **Gênero, Cultura Visual e Performance – Antologia Crítica**. Universidade do Minho: Edições Húmus, 2011.

CAMERON, D. Language, gender, and sexuality: current issues and new directions. **Applied Linguistics**, n. 26, v. 4, p. 482-502, 2005.

NUNES, B. **Bob entrevista: viados depravação (Josy, Tiaga e Domdom) +18 Parte 1**. 2014. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=GNh\\_b24MC50&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=GNh_b24MC50&t=1s)>. Acesso em: 22 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. **Bob entrevista: Viados depravação (Josy, Tiaga e Domdom) +18 Parte 2**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ShUvg8NzLpU>>. Acesso em: 22 mai. 2018.



CARVALHO, D. À beira do pertencimento: filiação e autopercepção em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. In: SILVA, D. C. P.; MELO, I. F de.; CASTRO, L. G. F de. **Dissidências sexuais e de gênero nos estudos de discurso**. Aracaju: Criação, 2017, p. 31-49.

COUPLAND, N. 2007. **Language Variation and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**, n. 21, p. 461–490, 1992.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_; RICKFORD, J. R. (Org.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GUINET, S. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ECKERT, P. **Variation, convention, and social meaning**. Paper presented at the Annual Meeting of Linguistic Society of America, Oakland, CA, 2005.

\_\_\_\_\_. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, 2012, p. 87-100.

FREITAG, R. Rediscutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R.; SEVERO, C. (Org.). **Mulheres, linguagem e poder – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

IRVINE, J.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Org.). **Regimes of language: ideologies, politics, and identities**. Santa F: School of American Research Press, 2000. p. 35-84.

IRVINE, J. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Org.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

LAKOFF, R. **Language and woman’s place**. New York: Harper and Row, 1975.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAU, H. D. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. **Temática**, n. 03, João Pessoa, p. 160-174, 2017.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MOORE, E. Sociolinguistic style: a multidimensional resource for shared identity creation. **The Canadian Journal of Linguistics**, n. 49, v. 4, p. 375-396, 2004.

NEIVA, G. “É gay ou é hétero” – Notas etnográficas sobre performatividade nas sociabilidades alternativas. **Cadernos de campo**, n. 23, São Paulo, p. 125-139, 2014.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. **XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística Y Filología de América Latina**, João Pessoa – Paraíba, p. 1740-1749, 2014.